



IX JOGOS OLÍMPICOS 1928 AMSTERDAM

SÓ AGORA O MUNDO COMEÇA
A RECONHECER A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS
OLÍMPICOS. E AS MULHERES
CONSEGUEM FINALMENTE, O SEU LUGAR
NAS PISTAS DE COMPETIÇÃO,
CONTRA A VONTADE DO VELHO BARÃO.

Foi na década de 20 que os Jogos Olímpicos e o esporte de um modo geral começaram a se transformar em assunto obrigatório de toda a imprensa mundial. O que antes não passava de breves registros perdidos nas páginas internas dos jornais, ou de rápidos noticiários jogados ao ar pelos microfones das primeiras emissoras de rádio, merecia agora o maior destaque, em grandes reportagens ilustradas e programas especializados diários. Essa

contribuição da imprensa foi decisiva para a popularização do esporte nos anos de pós-guerra. O atleta saía do anonimato, os campeonatos convertiam-se em ídolos. Seus exemplos iam sendo imitados pelos jovens, nas escolas e nas ruas. E disso resultavam novos campeões, novos ídolos e um novo esporte.

Estatísticas demonstram que na Finlândia, depois dos sucessivos triunfos olímpicos de Paavo Nurmi, aumentou considera-

velmente o número de jovens interessados em se dedicar às corridas a pé e outras atividades atléticas. Nos Estados Unidos, nunca as piscinas públicas foram tão frequentadas como depois dos primeiros êxitos de Johnny Weissmuller em Paris. Nurmi foi mesmo um exemplo. É fácil entender porque os jovens tentavam imitá-lo. Mas Weissmuller, o que teria feito dele um exemplo que os meninos americanos procuravam seguir?

O jovem Johnny: retardado mental, herói e Tarzã

Ao chegar de Paris, em 1924, com três medalhas de ouro no peito, Johnny Weissmuller teve sua história contada e recontada por quase todos os jornais e revistas dos Estados Unidos. Emissoras de rádio dedicaram-lhe programas inteiros, contando-lhe a vida, desde a infância até a consagração olímpica. Ele foi tema de sermão em igreja, de palestra em Universidade, de debate nos clubes esportivos.

Todo o país — e logo depois o

A equipe canadense, vencedora da corrida 4x100 m. As mulheres nos Jogos, contra a vontade de Coubertin.



Halina Konopakna, campeã do arremesso do disco, primeira medalha da Polônia.

mundo inteiro — ficou sabendo que Johnny fora um menino doente em Chicago, onde nascera dezessete anos antes de ganhar suas primeiras medalhas olímpicas. Um menino ainda mais doente do que Ray Ewry, que passara a infância preso ao leito, com poliomielite, e mais tarde seria campeão de saltos em altura e a distância. Aos seis anos de idade, Johnny não pronunciava mais do que duas ou três palavras, aprendidas com dificuldade. Seus reflexos eram lentos e praticamente não possuía coordenação motora. Os pais o levaram a vários médicos, todos concluindo que Johnny não tinha nem teria jamais um desenvolvimento normal. Um desses médicos, porém, acreditava que algo pudesse ser feito pelo menino. Por exemplo: matriculá-lo numa escola para crianças excepcionais e, ao mesmo tempo, obrigá-lo à prática diária de exercícios físicos. A natação, na opinião do médico, talvez fosse a melhor terapêutica para Johnny.

Embora Weissmuller nunca tenha conseguido, em toda a vida, o que se poderia chamar de um Olalto, a verdade é que ele, graças à

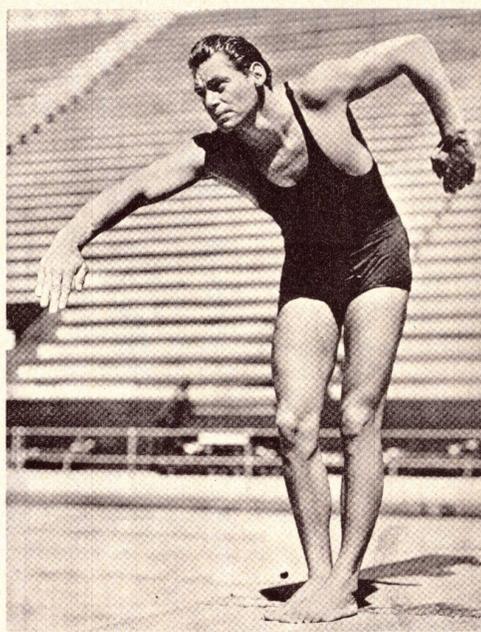
natação, cresceu forte e desenvolveu razoavelmente sua inteligência. Como nadador, foi um fenômeno: bateu vários recordes mundiais de estilo livre, aperfeiçoando a técnica de Charles Daniels e melhorando os tempos também notáveis de Duke Kahanamoku. A inteligência bastou-lhe, ao menos, para tornar-se ator: de 1932 a 48, foi o mais famoso de todos os Tarzãs do cinema, depois do que conseguiu manter relativa popularidade em outros papéis, entre os quais o de Jim das Selvas.

Os IX Jogos Olímpicos, celebrados em 1928, em Amsterdam, foram vividos mais de perto pelo mundo inteiro, graças à contribuição que lhe deu a imprensa, agora interessada em histórias humanas como as de Weissmuller e outros ídolos da década de 20. Ao contrário do que ocorreria nos anos que antecederam a I Guerra Mundial, o fato de se realizar uma festa olímpica, numa cidade europeia, merecia enorme cobertura jornalística. Nos Estados Unidos, por exemplo, todo o povo acompanhava, pela imprensa, os preparativos de sua equipe olímpica.

Uma medalha para o maior comedor de bolachas

Aparentemente, esses preparativos foram tão perfeitos quanto os de 1924, quando havia a preocupação de se recuperar, em Paris, uma parte do prestígio perdido em Antuérpia. Desta vez, chefiando a delegação, estava até um general, Douglas MacArthur, que anos depois seria o comandante das forças americanas na guerra do Pacífico. Mas nem tudo correu tão bem como em Paris. Porque, agora, os atletas dos Estados Unidos estavam excessivamente confiantes, sem o mínimo receio de seus rivais finlandeses.

O próprio relatório oficial de MacArthur dá bem idéia do quanto os americanos viajaram tranquilos para Amsterdam. A bordo do "Roosevelt", navio que levou toda a delegação, embora houvesse espaço e tempo para treinamento, poucos pensavam nisso. Excetuando-se os halterofilistas e os lutadores de boxe, que se exercitavam numa parte do convés, os integrantes da delegação americana preferiam se dedicar a atividades sociais e recreativas. Todas as noites havia baile, comemorando não se sabia o que. Torneios de bridge e pôquer, alguns a dinheiro, alternavam-se com incursões à roleta e outras mesas de jogo. Quando já não havia mais o que inventar, alguém deu a idéia de se fazer um campeonato para ver qual o atleta que seria capaz de comer mais biscoitos. Este campeonato — chamado de *Cracker*



Johnny Weissmuller, várias vezes recordista mundial de nado livre, cinco medalhas de ouro entre 1924 e 1928. No início, um menino retardado. Depois, Tarzã.

Eating Contest — só perdeu em popularidade para um torneio de minigolfe, disputado também no convés, mas longe dos lutadores e halterofilistas.

Os americanos voltaram a ganhar a maioria das medalhas de ouro no atletismo de Amsterdam (outro contra cinco dos finlandeses), mas tiveram algumas surpresas desagradáveis. Sempre os primeiros nas corridas de velocidade, foram batidos nos 100 e 200 metros pelo canadense Percy Williams.

Na realidade, das doze corridas do programa, os americanos só venceram três, duas delas de revezamento. Até então invictos nos 110 e 400 metros com barreiras, seriam superados respectivamente pelo sul-africano Sydney Atkinson e pelo inglês Lord Burghley. (Nos 110 metros com barreiras, coube ao canadense Earl Thompson o primeiro lugar, em 1924, mas os americanos não consideraram o resultado uma derrota, já que Thompson passara quase toda a vida nos Estados Unidos.) Também invictos no arremesso do martelo, viam a vitória lhes escapar, uma vez mais, com a atuação do irlandês Patrick O'Callaghan, tudo para surpresa de seus técnicos e dirigentes.

Pelo menos — e disso os americanos puderam se orgulhar —

Johnny Weissmuller não os decepcionou, ganhando mais duas medalhas de ouro, para perfazer um total de cinco, contando com as de 1924.

Mas também os finlandeses teriam os seus problemas. Nurmi, sempre ele, triunfara nos 10 000 metros. Ele próprio haveria de sofrer, por parte dos americanos, uma crítica que até hoje não se sabe se tinha fundamento. Nos 5 000 metros, Nurmi liderava a prova, mas foi com estranheza que o público o viu perder o fôlego, no final, e diminuir a velocidade. Seu compatriota Ville Ritola então o passou, para ganhar a medalha de ouro, cabendo a Nurmi a de prata. Os americanos juram que, cansado de tantas glórias, o superatleta finlandês perdera de propósito, agindo altruisticamente em benefício de Ritola.

Os IX Jogos Olímpicos realizaram-se com dificuldade, não chegando a superar, em organização, os de Paris. Embora a família real

os prestigiasse — a rainha Guilhermina entregando as medalhas de ouro, o príncipe Herrik, as de prata, e o conde Latour, as de bronze —, o governo holandês não deu qualquer ajuda financeira ao Comitê Organizador.

Tudo foi feito muito às pressas e nem sempre bem, mas o saldo, de qualquer modo, foi positivo.

Uma data histórica: foram os últimos Jogos do barão

O barão de Coubertin — que pela última vez assistia à festa que o seu idealismo criara — retrou-se feliz, do Estádio Olímpico de Amsterdam, após a cerimônia de encerramento. Mesmo sabendo que ali, em 1928, um de seus pontos de vista fora derrotado: as mulheres estavam para sempre incorporadas ao mundo do esporte, pois foi exatamente a partir dos IX Jogos Olímpicos que elas, até então limitadas às competições de tênis, arco e flecha, natação e outras modalidades consideradas "menos masculinizantes", passaram a intervir também nas provas de atletismo.

Os tempos mudaram — comentou o barão — e com eles o próprio esporte. Mas o importante é que a chama olímpica não se apague.



Atletas japonesas, a surpresa de 1928. Esta é Kinuye Hitome. 2.º lugar nos 800 metros.



1928 IX Olympiad Amsterdam



La tour de Marathon avec les abat-voix des hauts-parleurs.
1928 - JOGOS OLÍMPICOS DE AMSTERDAM
TORRE OLÍMPICA

1928 IX OLYMPIADE AMSTERDAM

ESPORTE

ZERO HORA



HISTÓRIA DAS OLIMPIADAS (5)

O barão, enfim, se rende às mulheres

Em Amsterdã, elas foram admitidas no atletismo. Coubertin, adoentado, renunciou à presidência do COI

NICO NORONHA

O ano de 1928 foi marcado pela renúncia ao cargo, do presidente de honra do Comitê Olímpico Internacional (e idealizador dos Jogos), o Barão de Coubertin. Adoentado, concluiu que era hora de se recolher e ficar na torcida por aquela que já era, definitivamente, a maior competição esportiva do planeta. Só que, antes da aposentadoria, o barão foi obrigado a admitir: "As mulheres estão aí. Os tempos mudaram. Mas o mais importante é que a chama olímpica nunca se apague". O homem que sempre defendeu a idéia de que o esporte deveria ser privilégio masculino, finalmente se rendia.

Na Olimpíada de Amsterdã, as mulheres invadiram as pistas de atletismo, graças, principalmente, ao movimento feito pelo Comitê Olímpico da Inglaterra durante as reuniões preliminares realizadas nos anos que antecederam os Jogos. O curioso é que apesar do movimento ter obtido sucesso, nenhuma inglesa saiu vencedora. Le-

varam o ouro cinco canadenses (no 4x100m e no salto em altura), uma polonesa (no arremesso de disco), uma americana (nos 100m) e uma alemã (nos 800m). A vencedora nesta última prova foi Linda Radke, mas tanto ela como as adversárias chegaram tão extenuadas ao final, que a prova foi retirada dos Jogos, só voltando a ser incluída em 1960, em Roma.

Além da revolucionária presença feminina no atletismo, a Olimpíada não teve maior destaque. Johnny Weissmuller continuou imbatível na natação, ganhando ouro nos 100m e outro na prova de 4x100m; os "finlandeses voadores", comandados por Paavo Nurmi (ouro nos 10.000m), venceram quatro provas; e os americanos —

apesar de somarem maior número de medalhas — decepcionaram. Na festa de abertura, o general Douglas MacArthur, presidente do Comitê dos EUA, dissera: "Nosso time está no auge de sua forma e tenho certeza que somos os melhores da história do atletismo de nosso país". Ao final, apenas um norte-americano ganhou ouro no atletismo, Ray Barbuti, um ex-jogador de futebol americano que sequer era apontado como um dos melhores de seu grupo. Ele cruzou a linha de chegada dos 400m na frente dos concorrentes e logo depois declarou que estava surpreso, pois não treinara muito e nem tinha muita técnica. "O que eu tinha era uma vontade desgraçada de atingir a maldita fita".

Ouro no futebol é com uruguaios

O Uruguai ocupa uma posição discreta no quadro geral de medalhas da história olímpica. Ganhou apenas duas de ouro em quase 100 anos de Jogos e ocupa a 47ª posição na tabela, atrás de países pouco expressivos no esporte, como o Paquistão, o Ira, a Etiópia e Luxemburgo. Pois as duas únicas medalhas de ouro conseguidas pelos uruguaios foram no futebol. Em Amsterdã, o capitão Nasazzi comandou a vitória por 2 a 1 sobre a Argenti-

na que garantiu o bicampeonato olímpico. Ali surgia a imagem mística e marcante da "Celeste Olímpica", baseada numa fantástica geração que dominou o mundo na primeira metade do século, vencendo também duas Copas do Mundo.

Em 28, na Holanda, a final deu Uruguai contra Argentina. No primeiro jogo, empate em 1 a 1 no tempo normal e 0 a 0 na prorrogação. Em nova partida, a vitória por 2 a 1. Era a confirmação de que ali estava a primeira potência não-europeia no futebol. Depois dela, nunca mais um time sul-americano conquistou o ouro numa Olimpíada.

AMSTERDÃ, 1928

O quadro de medalhas

País	Ouro	Prata	Bronze
Estados Unidos	22	18	16
Alemanha	10	7	14
Finlândia	8	8	9
Suécia	7	6	12
Itália	7	5	7
Suíça	7	4	4
França	6	10	5
Holanda	6	9	4
Hungria	4	5	-
Canadá	4	4	7
Inglaterra	3	10	7
Argentina	3	3	1
Dinamarca	3	1	2
Tchecoslováquia	2	5	2
Japão	2	2	1
Estônia	2	1	2
Egito	2	1	1
Áustria	2	-	1
Austrália	1	2	1
Noruega	1	2	1
Polônia	1	1	3
Iugoslávia	1	1	3
África do Sul	1	-	2
Índia	1	-	-
Irlanda	1	-	-
Nova Zelândia	1	-	-
Espanha	1	-	-
Uruguai	1	-	-



JOHNNY WEISSMULLER
PAÍS: Estados Unidos
ESPORTE: natação
OLIMPIADAS: 1924 e 1928
MEDALHAS: 5 0 0
O garoto raquítico que entrou para a natação por ordens médicas bateu 67 recordes, foi o maior do mundo e tornou-se Tarzan nas telas